



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CÂMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

**INGRID BIANKA FREIRE ALVES**

**HERMENÊUTICA SIMBÓLICO-METAFÓRICA INCIDENTE SOBRE  
A FIGURA DA FACA EM *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

INGRID BIANKA FREIRE ALVES

**HERMENÊUTICA SIMBÓLICO-METAFÓRICA INCIDENTE SOBRE  
A FIGURA DA FACA EM *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo),  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Letras – Português, como requisito  
curricular para a obtenção do título de  
Licenciada em Letras – Português, da  
Universidade Estadual da Paraíba.

Área de Concentração: Hermenêutica  
literária.

**Orientador:** Prof. Dr. Eli Brandão da Silva

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474h Alves, Ingrid Bianka Freire.  
Hermenêutica simbólico-metafórica incidente sobre a figura da faca em "Torto arado", de Itamar Vieira Junior [manuscrito] / Ingrid Bianka Freire Alves. - 2023.  
22 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.  
"Orientação : Prof. Dr. Eli Brandão da Silva, Departamento de Letras e Artes - CEDUC. "

1. Literatura. 2. Símbolo . 3. Metáfora. 4. Hermenêutica. I.  
Título

21. ed. CDD 801.95



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

INGRID BIANKA FREIRE ALVES

HERMENÊUTICA SIMBÓLICO-METAFÓRICA INCIDENTE SOBRE A FIGURA  
DA FACA EM “TORTO ARADO”, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Trabalho de Conclusão de Curso em  
Letras Português da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de Graduado  
em Licenciatura Plena em Língua  
Portuguesa.

Área de concentração: Hermenêutica  
literária.

Aprovado em: 03/10/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.(a) Dr. Eli Brandão da Silva (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof.(a). Dr(a). Silvana Kelly Gomes de Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof.(a) Dr. Anacã Rupert M. Cruz e Costa Agra  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a minha família e amigos que me deram suporte durante o processo vertiginoso de desenvolvimento deste, sem vocês não seria possível.

“As metáforas são precisamente a superfície linguística dos símbolos e devem o seu poder de relacionar a superfície semântica com a superfície pré-semântica nas profundidades da experiência humana à estrutura bidimensional do símbolo.” (Ricoeur, 2019, p. 98).

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO ENREDO DE <i>TORTO ARADO</i></b> .....	8
<b>3 A SIMBOLOGIA DA FACA NA NARRATIVA</b> .....	13
<b>4 METAFORIZAÇÃO DA FACA COMO ELEMENTO CENTRAL NO DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVA</b> .....	18
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	20
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	21

## HERMENÊUTICA SIMBÓLICO-METAFÓRICA INCIDENTE SOBRE A FIGURA DA FACA EM *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

### THE SYMBOLIC-METAPHORICAL HERMENEUTIC INCIDENT ABOUT THE FIGURE OF THE KNIFE IN *TORTO ARADO* BY ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Ingrid Bianka Freire Alves<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este texto constitui uma análise da hermenêutica simbólico-metafórica que incide sobre a figura da faca no romance *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior. Para construir nossa interpretação, partimos de uma análise que privilegia a validação dos significados metafóricos e simbólicos que tangem a figura da faca em um nível linguístico, sendo assim consideráveis as interpretações pertinentes à obra. O desenvolvimento deste trabalho tem como objetivo principal analisar as interferências simbólico-metafóricas relacionadas à figuração da faca; ademais, objetivamos realizar uma análise detalhada das conotações metafóricas que permeiam a representação da faca ao longo da narrativa, buscando identificar e compreender sua carga semântica e seu papel na construção de significados no contexto da obra e explorar minuciosamente as interconexões entre a representação da faca e as personagens femininas na obra *Torto Arado*; além de detectar e investigar as representações simbólicas que circundam a faca, considerando suas representações dentro do texto. Para tanto, nos respaldamos na teoria interpretativa de Ricoeur (2019), bem como na noção de metáfora-viva de Ricoeur (2015) e nas conceituações encontradas no Dicionário de Símbolos de Chevalier e Gheerbrant (2019). Desse modo, a partir de uma pesquisa bibliográfica, analisamos possíveis interpretações que circundam a existência do objeto e sua importância para a narrativa, como a íntima relação da faca com o feminino e a significação ambígua do objeto, ocasionando uma relação de causalidade.

**Palavras-chave:** Literatura; Símbolo; Metáfora; Figura da faca.

#### ABSTRACT

This text constitutes an analysis of the symbolic-metaphorical hermeneutics that focuses on the figure of the knife in the novel *Torto Arado* (2019), by Itamar Vieira Junior. To build our interpretation, we start from an analysis that privileges the validation of the metaphorical and symbolic meanings that affect the figure of the knife on a linguistic level, thus providing considerable interpretations pertinent to the composition. The development of this work has as its main objective to analyze the symbolic-metaphorical interferences related to the figuration of the Knife; furthermore, we aim to carry out a detailed analysis of the metaphorical connotations that permeate the representation of the knife throughout the narrative, seeking to identify and

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Letras – Língua Portuguesa do Departamento de Letras e Artes (DLA), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: ingrid.alves@aluno.uepb.edu.br



understand its semantic load and its role in the construction of meanings in the context of the composition and to thoroughly explore the interconnections between the representation of the knife and the female characters in the composition *Torto Arado*; In addition to detecting and investigating the symbolic representations that surround the Knife, considering its representations within the text. To this end, we rely on Ricoeur's (2019) interpretative theory, as well as Ricoeur's (2015) notion of living metaphor and the conceptualizations found in Chevalier and Gheerbrant's Dictionary of Symbols (2019). Thus, based on bibliographical research, we analyzed possible interpretations that surround the existence of the object and its importance for the narrative, such as the intimate relationship between the knife and the feminine and the ambiguous meaning of the object, causing a causal relationship.

**Keywords:** Literature; Symbol; Metaphor; Figure of the Knife.

## 1 INTRODUÇÃO

*Torto Arado* é o romance de estreia de Itamar Vieira Junior, romancista e doutor em estudos étnicos e africanos pela UFBA. O livro ganhou em 2018 o prêmio LeYa, o que lhe rendeu sua primeira publicação pela editora em Portugal, mas no Brasil ele chegou em 2019 pela editora Todavia e, posteriormente, venceu também os prêmios Jabuti e Oceanos. Durante o processo de produção do livro, Itamar Vieira Junior realizou uma pesquisa etnográfica com uma comunidade residente da Chapada Diamantina<sup>2</sup> e, baseado nos seus estudos, pôde construir uma narrativa verossímil à cultura daquela população quilombola. Tal retrato é visto, por exemplo, nas descrições precisas das práticas de Jarê<sup>3</sup>.

O livro retrata um cenário penoso onde uma comunidade quilombola, que reside em regime de servidão numa fazenda localizada na Chapada Diamantina, luta pela sobrevivência de suas raízes, pela manutenção de seus costumes e pelo direito à vida. Neste cenário, Bibiana e Belonísia, duas irmãs, se destacam na narrativa pela relação vital e profunda que estabelecem entre si, após um acidente tornar muda uma das irmãs. O texto é dividido em três partes, cada uma possuindo uma narradora diferente e, por mais que inicialmente haja uma linearidade na narrativa, cenas do passado são resgatadas, sobretudo na última parte do livro, rompendo de vez com essa linearidade. É importante ressaltar que esta transitoriedade entre narradores e temporalidade são recursos linguísticos importantes para a construção da complexidade narrativa que se almeja neste texto, mas que também são de grande valor na construção simbólica e metafórica da faca dentro da obra, sendo esta objeto de interesse do presente trabalho.

A justificativa deste artigo se baseia na pertinência do romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, como recriação de uma realidade negligenciada pela sociedade. Seu enredo único se destaca a priori pelo estilo de narrativa, mas também é capaz de ir além de suas palavras e de ultrapassar a implicação de uniformidade temática. A figura da faca está, dentro de *Torto Arado*, tematicamente relacionada ao lado mais vil do objeto, à morte e a toda dor que ela possa causar. A narrativa não evidencia este objeto como centro de seu desenvolvimento, embora se torne perceptível como sua inconsciente existência, por si só, influencia os principais acontecimentos da trama. Desse modo, analisar *Torto Arado* é de extrema relevância ao se considerar

---

<sup>2</sup> Região serrana localizada no centro do estado da Bahia.

<sup>3</sup> Religião de matriz africana encontrada na região da Chapada Diamantina.

seu caráter original e verossímil, tanto no nível de uma análise literária quanto no nível de uma análise da subjetividade dos eventos que compõem o enredo.

A leitura de *Torto Arado* permite diversas interpretações, tal como é diverso o seu enfoque temático. Portanto, este artigo possui como objetivo analisar as inferências metafóricas relacionadas à figuração da faca, cuja construção na narrativa se mostra complexa e vital para o desenvolvimento do enredo. Outrossim, objetivamos realizar uma análise detalhada das conotações metafóricas que permeiam a representação da faca ao longo da narrativa; identificar e compreender sua carga semântica e seu papel na construção de significados no contexto da obra; explorar minuciosamente as interconexões entre a representação da faca e as personagens femininas na obra *Torto Arado*. Por fim, temos também como objetivo detectar e investigar as representações simbólicas que circundam a faca, considerando suas representações dentro do texto.

Para esse propósito, recorreremos à pesquisa bibliográfica como abordagem metodológica. Para delinear essa definição, nos pautaremos nas conceituações de Fachin (2006), que a caracteriza como “um conjunto de conhecimentos reunidos em obras de toda natureza. Tem como finalidade conduzir o leitor à pesquisa de determinado assunto, proporcionando o saber” (p. 120). Dessa forma, essa investigação se concentra na análise dos recursos linguísticos empregados pelo autor para construir a imagem da faca, um objeto inerte e inconsciente que, paradoxalmente, carrega consigo uma energia ativa no enredo. Nosso foco se volta, principalmente, para as relações discursivas simbólicas e metafóricas que permeiam a narrativa.

Por conseguinte, o presente artigo será desenvolvido em três etapas de análise que seguem a linearidade textual do livro *Torto Arado*, dividindo-se em três tópicos. Primeiramente, elaboramos uma descrição do enredo do livro, com um foco maior nos eventos que se relacionam com nosso objeto de estudo, a saber: a faca. Em seguida, identificamos e exploramos, de modo descritivo e analítico, os elementos simbólicos que constituem a construção da figura da faca no enredo, apoiando-nos, para tanto, nas conceituações do *Dicionário de Símbolos*, de Chevalier e Gheerbrant (2019). Por último, analisamos as construções metafóricas que se fazem pertinentes à figura da faca na narrativa, considerando os pressupostos de Ricoeur, encontrados nos livros *Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação* (2019) e *A Metáfora Viva* (2015).

## 2 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO ENREDO DE *TORTO ARADO*

*Torto Arado* é um romance dividido em três partes, no qual cada parte possui um narrador diferente e, conseqüentemente, um estilo de texto diferente, assim como há uma mudança significativa nos elementos temáticos privilegiados. As duas primeiras partes do livro, intitulados “Fio de corte” e “Torto arado”, são narradas respectivamente pelas personagens Bibiana e Belonísia. Considerando o todo de sua estrutura semântica e sintática, são partes possíveis de serem conceituadas como uma narração autodiegética, uma definição de Genette traduzida por Silva (2007), para definir a existência de um distanciamento temporal entre o “eu” narrado e o “eu” narrador, ambos limitados do ponto de vista informacional.

Esse fato se torna conseqüência da condição das irmãs como personagens, mesmo que favorecidas pela sua visão referencial, o que é bem marcado linguisticamente ao notarmos a inexistência de uma linguagem imatura na narração em primeira pessoa da infância das irmãs pelo olhar de Bibiana. É válido ressaltar que

em ambas as partes podemos encontrar uma linearidade na cronologia narrada, resultando num encadeamento direto dos fatos, que se alterna apenas no ponto de vista de cada narrador.

“Fio de corte” se inicia com a cena mais emblemática de toda a narrativa, quando Bibiana e Belonísia adentram o quarto de sua avó, Donana, para investigar o que ela guardava com tanto segredo em sua mala velha. Donana era uma figura que despertava o interesse ingênuo de crianças e adultos pelo seu comportamento pouco habitual de andar no terreiro falando sozinha, se direcionando sempre a algo ou alguém, que não estava com ela, e remetendo a acontecimentos passados que eram de desconhecimento de seus familiares. Tal ato foi descrito por Bibiana como “uma profusão de palavras desconexas” (Vieira Junior, 2019, p. 14). Seu filho, Zeca Chapéu Grande, costumava defender a sua mãe, afirmando que deferir rezas era um hábito antigo da senhora, mas nem sua palavra era capaz de limpar a imagem singular de sua mãe.

Ao abrirem a mala de Donana, as irmãs logo descobriram que não se tratava de um objeto qualquer, mas de uma faca, o que nas palavras de Bibiana estava guardado como uma joia, não sem motivo, pois destoava de tudo que havia na velha mala de couro de sua avó. Nela não havia mau odor ou qualquer marca de uso, aparentando ser feita de um metal recém-tirado da terra e forjada naquele exato momento. Foi depois da descoberta do objeto que a grande tragédia aconteceu. Após o objeto reluzente despertar tamanha atenção, visão e tato não foram o suficiente e as meninas se renderam ao ímpeto de experimentar o sabor daquela lâmina, que reluzia como um espelho. Mas, infelizmente, uma das irmãs sofreu a mutilação de sua língua durante o ato de curiosidade.

Vi parte de meu rosto refletido como um espelho, assim como vi o rosto de minha irmã, mais distante. Belonísia tentou tirar a faca de minha mão e eu recuei. “Me deixa pegar, Bibiana” “Espere.” Foi quando coloquei o metal na boca, tamanha era a vontade de sentir seu gosto, e, quase ao mesmo tempo, a faca foi retirada de forma violenta. Meus olhos ficaram perplexos, vidrados nos olhos de Belonísia, que agora também levava o metal à boca. Junto com o sabor de metal que ficou em meu paladar se juntou o gosto de sangue quente, que escorria pelo canto de minha boca semiaberta, e passou a gotejar de meu queixo (Vieira Junior, 2019, p. 15).

Durante a primeira parte do livro, narrada por Bibiana, apesar de alguns indícios textuais, a identificação da vítima deste acidente torna-se algo nebuloso, mas em um momento posterior nos é revelado. Na sequência do ocorrido, Donana muda seu comportamento de forma drástica, tornando-se cada vez mais reclusa e misteriosa. A primeira atitude que ela possui é descer ao leito do rio e livrar-se daquele objeto que causou tanto mal e, em seguida, se isolar em seu quarto, abstendo-se de suas atividades diárias e restringindo suas interações a conversas com Bibiana, Belonísia e seu recém-adotado cachorro, Fusco.

É este o destino percorrido por Donana até que se torne completamente alheia à realidade e realize sua passagem. Durante o período em que a personagem percorre o declínio de sua existência, Bibiana e Belonísia enfrentam as consequências por não conseguirem frear sua curiosidade. As irmãs passaram os próximos anos de sua vida em um exercício contínuo de desenvolvimento de uma comunicação entre aquela que perdeu sua voz e o mundo, por intermédio das palavras de sua irmã, sendo necessário, para isso, que todas as diferenças fossem postas de lado. Assim, elas se uniram com um afeto que não antes existia, tornando-se quase uma só. Esta união é descrita por Bibiana nas seguintes palavras:

Nos primeiros meses após perder a língua fomos tomadas de um sentimento de união que estava embotado com aquele passado de brigas e disputas infantis. [...] Quando retomamos as brincadeiras, havíamos esquecido as disputas, agora uma teria que falar pela outra. Uma seria a voz da outra. [...] Seríamos iguais. [...] Foi assim que me tornei parte de Belonísia, da mesma forma que ela se tornou parte de mim (Vieira Junior, 2019, p. 23-24).

O relacionamento fraterno se manteve, deste modo, por toda a sua infância, já que o amor entre as duas, a necessidade de se comunicar e a empatia pela irmã sem voz foram os motores que as uniram por um longo tempo. Entretanto, com o tempo e com o envelhecimento natural das garotas, outras situações se imporiam entre as duas. Uma das principais foi o fato de que ambas se apaixonaram pelo mesmo garoto, seu primo Severo, o que representou um conflito de interesses que as afastaram momentaneamente.

Enquanto estavam no começo de sua adolescência, foi fácil para Bibiana e Belonísia reconstruírem seu relacionamento fraternal, ignorando Severo. Porém, após algum tempo, Bibiana quebra seu pacto silencioso de não se relacionar com o primo e, depois de descobrir sua gravidez, decide fugir com Severo. Imediatamente, após a saída de Bibiana, Belonísia assume o papel de narradora em “Torto arado” e nos revela seu sentimento de insatisfação com a irmã e insegurança consigo mesma. Nas linhas iniciais, Bibiana expõe uma situação que já lhe é cotidiana, que é a recorrência de um sonho angustiante que repete a existência dos mesmos elementos: um homem bem vestido, uma cerca, o punhal de Donana e uma profusão de sangue emanando do solo.

Percebemos, então, o retorno da faca como impulsor do desenvolvimento textual, porém não mais pelos olhos hiperativos de uma criança, mas sim pelo olhar de uma jovem adulta que já havia sido marcada pela dor que tal objeto poderia causar. A descrição de Belonísia sobre esses fatos, além de desenvolver um ponto de vista que antes não era possível sobre as consequências emocionais do acidente em sua própria vida, também serve para produzir indícios de qual será o tom da narrativa nesta parte do texto, que é consideravelmente mais sentimental e profunda que a anterior.

Após algum tempo, em uma relação conjugal infeliz com Tobias, Belonísia torna-se viúva e, a partir disso, decide continuar sua vida sozinha, vivendo pelas suas próprias mãos. Nesse período, em uma cena na qual está acompanhada de sua vizinha, Maria Cabocla, por quem nutria profunda empatia, sobretudo pela situação de violência doméstica da qual era vítima, a faca do cabo de marfim retorna à narrativa. Trata-se da mesma faca que em “Fio de corte” foi agente da mutilação de Belonísia. A aparição se dá em um momento de suspense, no qual Belonísia se põe aflita pelo risco que Cabocla sofria ao ser ameaçada de morte pelo seu marido. A cena é narrada da seguinte forma:

Deixei a pequena sacola cair no chão e Maria Cabocla se abaixou para juntar tudo de novo. Se deteve no *cabo de marfim da faca de prata* que passado tanto tempo, ainda era puro brilho, encantada com o objeto. Seu olhar parecia o olhar de Bibiana no dia em que a colocamos na boca. Passou de uma mão a outra antes de devolver a sacola e não ousou perguntar por que a estava levando comigo (Vieira Junior, 2019, p. 143, grifo nosso).

A única outra aparição da faca em “Torto arado” ocorre quando Belonísia se encontra com o marido de Maria Cabocla e, ao ser ameaçada, leva a faca ao pescoço do homem. Sua ação é tão rápida que o surpreende, o que torna tal atitude mais

eficaz, fazendo-o se afastar da fazenda por um tempo. Após isso, o enredo tem continuidade, apresentando momentos cruciais para o posterior desenvolvimento da narrativa. Um deles se refere à morte de Zeca Chapéu Grande, o que gerou uma grande angústia para sua família, bem como para seus filhos de Jarê.

A última parte, “Rio de sangue”, se inicia com Santa Rita Pescadeira descrevendo um pouco sobre suas aparições na casa de Zeca Chapéu Grande, ao passo que revelando sobre uma espécie de esquecimento ao qual está sendo submetida, visto que sua figura é mais valorizada em momentos cuja cultura pesqueira se faz presente na comunidade, situação que se deteriorou com a popularidade da mineração na beira dos rios. Este cenário se encaminhou para uma situação na qual ela se vê sem um cavalo para possuir, isto é, um corpo humano ou animal, dotado de consciência, em que possa habitar e se manifestar.

Santa Rita Pescadeira se vê tomada por uma angústia, consequência de suas limitações causadas pela falta de um cavalo, quando é despertada por um sentimento penoso, seguido por um grito afiado. Ao seguir o grito e o rio de sangue que encontra emanando na terra, encontra Severo morto e Bibiana ao seu lado.

A fonte do rio era Severo, o senhor que mobilizava os trabalhadores de Água Negra, caído na terra com oito furos feitos à bala. O grito era de Bibiana, prostrada no chão com a cabeça do marido no colo. O rio era de sangue e lágrima, caudaloso e lento, como uma corrente de lama avançando pelas casas e chamando o povo para se unir ou fugir da fazenda (Vieira Junior, 2019, p. 206).

Assim, o momento em que o rio de sangue é apresentado no texto torna-se a referência que carrega o peso do título dessa parte textual, pois tal situação é responsável por chamar a atenção da entidade, desencadeando uma sequência narrativa que nos faz conhecer o passado e, a partir disso, compreender melhor os acontecimentos que se fizeram conhecidos no enredo de *Torto Arado*.

Santa Rita Pescadeira, ainda, acompanha o clima de incertezas entre a comunidade, que após o enterro de Severo se dividia entre restaurar as esperanças de uma possível libertação da exploração dos donos da fazenda e simplesmente ceder à vontade dos donos e continuar a vida como sempre lhe fora possível. Para a entidade, o sofrimento desse povo não era uma novidade, sendo mostrado que ela acompanhou os antepassados deste povo desde sua vinda da África, presenciando os mais variados infortúnios e afirmando, inclusive, que na maioria das vezes o resultado da luta era a derrota.

É neste momento vertiginoso, marcado pela união entre Belonísia e Bibiana e por um clima de revolta entre a comunidade, que novamente se faz presente a faca, um elemento que causa surpresa ao ser encontrado por Bibiana nas coisas de Belonísia, mas também instaura um novo conflito em relação ao desconhecido retorno do objeto.

A faca ressurgiu, rutilante, entre as coisas que Belonísia levava em sua sacola de palha. Por um instante, Bibiana não acreditou se tratar da mesma peça que havia desaparecido da casa antiga, provavelmente pelas mãos de Donana. [...] Puxou o objeto pela ponta até que se revelasse por inteiro: a empunhadura de marfim bem-acabada; pomos e guarda de um metal mais embaçado; lâmina brilhante, sem envelhecer. E um fio de corte que parecia vibrar, prestes a rasgar o pequeno campo de atmosfera em seu entorno, como se dividisse com um talhar um pequeno lenço de seda. Belonísia entrou no cômodo e parou, como se retornasse trinta anos no tempo e visse, de novo, Bibiana retirar o objeto do tecido encardido de sangue. Havia muito não

tinha mais o tecido. Mas o silêncio com que viu a irmã devolver seu olhar a deixou suspensa no tempo, como se nada mais pudesse avançar antes que se esclarecesse o que aquela presença significava (Vieira Junior, 2019, p. 232).

Após esse fragmento, nos é dado o conhecimento de que Belonísia encontrou a faca enquanto limpava a tapera onde residia com Tobias e, depois de reencontrar o objeto, resolveu reivindicá-lo como seu, afinal, antes ele havia pertencido a sua família e, desde a morte do marido, a personagem possuía o costume de andar com ela para defender-se. Entretanto, para Bibiana, a irmã apenas confirmou se tratar da mesma faca e evitou tecer mais comentários.

É neste intercurso que alguns questionamentos das irmãs em relação à faca são levantados: “O que será que fez minha vó guardar essa faca como um tesouro?”, “Por que a faca estava envolta naquele tecido sujo de sangue?”, “E por que minha avó guardava essa faca com tanto medo?” (Vieira Junior, 2019, p. 234-235). Na concepção de Bibiana, Donana temia severamente o objeto: “Minha avó tinha mais medo do que essa faca significava. Temia mais o segredo que ela guardava do que que pudesse nos ferir” (Vieira Junior, 2019, p. 235), afirmou Belonísia.

“Rio de sangue”, logo, possui uma narração distinta pelo potencial de sua narradora, tratando-se Santa Rita Pescadeira de uma entidade do Jarê, cuja permanência temporal no espaço da narrativa ultrapassa a existência cronológica dos demais personagens, bem como seu conhecimento de determinados fatos é mais vasto do que se poderia conhecer pelos olhos de Bibiana ou Belonísia. É a partir dos questionamentos das irmãs que a entidade narra como a faca apareceu nas mãos de um membro daquela família pela primeira vez, quando Donana ainda residia em Caxangá.

Isto é, a percepção que temos da narração da entidade é diferente das narrações anteriores e esse ponto de vista único, transitório corpórea e temporalmente, revela o status de uma narrativa homodiegética ou metadiegética, definida por Silva (2007) como sendo a existência de inserções de uma narrativa secundária dentro da narrativa primária. Essa situação revela também uma característica única para essa narradora que é o status de narrador onisciente, pois, mesmo na posição de personagem, é nítida sua percepção global dos acontecimentos.

Em seguida, é narrada a cena em que Donana subtrai para si o objeto que antes pertencia a um convidado do senhor das terras de Caxangá. Inicialmente, a beleza da faca lhe chamou tanta atenção, que julgou tratar-se de algo valioso, de modo que a tomou para si com a intenção de vendê-la posteriormente. Todavia, ela passou a se afeiçoar da faca e, enquanto os trabalhadores da fazenda procuravam pelo objeto, Donana o escondeu embaixo de sua cama. A busca pelo objeto, então, movimentou os trabalhadores e moradores de Caxangá com tanta intensidade que não restou outra alternativa à Donana que não fosse permanecer com o objeto escondido, pois livrar-se dele poderia acabar por lhe incriminar.

Por muito tempo, o objeto lhe fora inútil, o que julgava um castigo de Deus pela sua atitude pecaminosa. O texto nos comunica, dessa maneira, que “Quando a faca serviu ao derradeiro fim em suas mãos, ao fim que nunca havia considerado, Donana se viu enredada numa trama de vida e morte para o resto de seus dias” (Vieira Junior, 2019, p. 239). Ao descobrir que seu parceiro, com quem vivia há três anos, estava estuprando sua filha Carmelita, Donana resolve agir para dar fim a essa situação; então, ela o segue numa noite, com a faca em mãos, e o encontra dormindo à beira do rio,

Parecia morto antes de ser sangrado. Não havia luz, não havia candeeiro nas mãos de Donana. Não queria deixar rastros ou lembranças de seus passos e atos. Ninguém saberia de nada, diria apenas que ele havia partido sem deixar indicação do destino. Antes de pensar na justificativa que daria, sangrou o homem como se sangrasse um porco. Arrastou seu corpo com os bolsos cheios de pedras, que ela mesmo enfiou lá, para dentro do rio. Não temeu que viessem lhe perguntar pelo desaparecimento do companheiro nos dias que se seguiram. Voltou para casa encharcada de esforço (Vieira Junior, 2019, p. 240).

Imediatamente, após ter feito isso, Donana descobre sobre o desaparecimento de sua filha e reage com um pensamento inquietante: “Deus jamais a perdoaria. Pior: devolveria o malfeito em dobro” (Vieira Junior, 2019, p. 240). Esse fragmento enunciado pela personagem descreve o incômodo da personagem, mas também revela uma característica que se relaciona intimamente com a faca: a relação causa-consequência. Esta relação é desenvolvida em todo o texto de *Torto Arado* e possui uma presença mística na sua existência, sobretudo na casualidade que envolve as aparições do objeto nas mãos de determinadas personagens femininas da obra.

Santa Rita Pescadeira, mais uma vez, em uma narração um pouco mais intimista e diretamente referida à Bibiana e Belonísia, descreve psicologicamente os sentimentos de cada irmã. Na vez da mais nova, algumas singelas referências à faca, instrumento importante na história de sua vida, são elementos que reforçam a ideia de que tal objeto agiu de modo a traçar ou alterar o seu destino, não somente no nível físico, mas também de modo mais profundo, causando cicatrizes na alma; assim como em Donana, Belonísia foi perseguida por pesadelos. Esta percepção reforça a concepção da existência de consequências sobre quem possui ou empunha a faca: independente da casualidade com que tal ação se constitua, estar em uma relação de posse, ou agir munindo-se com a faca para ferir alguém, resultará em um mal maior.

Ao fim de “Rio de sangue”, Santa Rita Pescadeira utiliza as irmãs como seus cavalos em breves momentos, para livrar-se de um mal que assombra a vila, a aparição de uma onça que amedrontava a todos. Por meio de Bibiana, a entidade cria uma armadilha e, por meio de Belonísia, executa seu plano, fazendo com que o animal seja atraído para um fojo e, com um único golpe no pescoço, lhe é dado um destino. É assim que *Torto Arado* se encerra, através da adição de uma última frase da entidade: “Sobre a terra há de viver sempre o mais forte” (Vieira Junior, 2019, p. 262).

Sobre o golpe final que Belonísia desferiu sobre a onça, não nos é fornecida mais nenhuma informação, embora exista uma possibilidade de ele ter sido executado pela faca de prata e cabo de marfim. Portanto, a construção do objeto e a relação de proteção sob Belonísia e Donana são elementos já desenvolvidos na narrativa, de modo que seria possível tal objeto estar presente neste fim, bem como ser novamente empunhado por Belonísia, quem representa, sobretudo, coragem, nas palavras da Santa Rita Pescadeira. Em contrapartida, diferente de Donana, que sucumbiu após o infortúnio de suas netas, Belonísia, apesar das consequências que enfrenta desde a infância, se mostra impassível frente a qualquer sina.

### 3 A SIMBOLOGIA DA FACA NA NARRATIVA

Vislumbrar a faca em *Torto Arado* a partir dos símbolos é essencial para uma interpretação mais ampla da significação do objeto dentro da narrativa. Com a necessidade de guiar nossa interpretação por um aporte teórico, utilizamos o *Dicionário de Símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2019), para realizar as

análises simbólicas da faca, pois consideramos a riqueza cultural das definições dos verbetes e a amplitude de significações elementos essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Sobre isso, os autores afirmam:

Nossa preocupação primordial é unicamente a de preservar todas as riquezas contidas no símbolo, por problemáticas ou contraditórias que sejam. O pensamento simbólico, segundo nos parece, ao inverso do pensamento científico, procede não pela redução do múltiplo ao *uno*, mas sim pela desintegração do *uno* em múltiplo, para melhor perceber - é verdade que numa fração de segundo - a unidade desse múltiplo. Enquanto não a tivermos aprofundado melhor, parece-nos essencial insistir sobre essa virtualidade desintegradora e, antes de mais nada, salvaguardá-la. Os temas imaginários, aqueles que eu chamaria de o desenho ou a figura do símbolo (o leão, o touro, a lua, o tambor, etc.), podem ser universais, intemporais, enraizados nas estruturas da imaginação humana; mas o sentido de cada um deles também pode ser muito diferente, conforme os homens e as sociedades e conforme sua situação em um dado momento. Por essa razão é que a interpretação do símbolo, tal como salientamos neste livro a propósito do sonho, deve inspirar-se não apenas na figura, mas em seu movimento, em seu seio cultural e em seu papel particular *hit et nunc*<sup>4</sup> (Chevalier; Gheerbrant, 2019, p. XV).

É importante para este trabalho destacarmos que a simbologia não é um estudo de análise semiótica, pois consideramos o signo como uma convenção arbitrária, diferente do símbolo que “pressupõe homogeneidade do significante e do significado no sentido de um dinamismo organizador” (Chevalier; Gheerbrant, 2019, p. XVII). O signo pode se manifestar de formas abstratas, mas o símbolo necessita de realidades concretas para se estabelecer. Ainda assim, tal postura não significa afirmar uma existência completamente apartada entre os dois, pois, para Chevalier e Gheerbrant,

Reabilitar o valor do símbolo não é, de modo algum, professar um subjetivismo estético ou dogmático. Não se trata absolutamente de eliminar da obra de arte seus elementos intelectuais e suas qualidades de expressão direta e, muito menos, de privar os dogmas e a revelação de suas bases históricas. O símbolo permanece na história, não suprime a realidade, nem abole o signo. Acrescenta-lhes uma dimensão, o relevo, a verticalidade; estabelece a partir deles: fato, objeto, sinal, relações extra-rationais, imaginativas, entre os níveis de existência e entre os mundos cósmico, humano, divino. Retomando as palavras de Hugo von Hofmannstal, *o símbolo afasta o que está próximo, reaproxima o que está longe, de modo que o sentimento possa apreender tanto uma coisa como outra* (Chevalier; Gheerbrant, 2019, p. XXIII).

A partir desta concepção acerca da simbologia, é possível encontrar dentro da narrativa de *Torto Arado* elementos que, em uma leitura mais detalhada, revelam detalhes passíveis de uma interpretação mais intensa de seu significado, partindo de características explícitas de seus significantes, cuja interpretação não é possível em um olhar minimalista do texto, dependendo então de um aprofundamento das relações estabelecidas pelos símbolos presentes.

Assim, com base nas descrições da faca no livro, encontramos um enfoque, presente em todos os narradores, em referenciá-la privilegiando suas características físicas, isto é, evidenciando a matéria-prima que constitui o objeto. Tais características não são apresentadas logo no começo da narrativa e muitas conclusões sobre estes elementos só se fazem possíveis de afirmar na última parte do texto, mas é sabido ao

<sup>4</sup> Hit et nunc, expressão em Latim, significa “Aqui e agora”. (trad. livre).



fim da leitura que a faca era constituída por um fio de corte de prata e um cabo de marfim.

Dessa forma, iniciamos essa abordagem a partir de uma análise que considera a faca em suas particularidades, haja vista que encontramos no texto um grande apelo na descrição de sua matéria-prima. Em primeiro lugar, a faca é narrada pelo olhar de uma criança, logo, não encontramos evidências relativas ao material; no entanto, toma-se conhecimento, desde o princípio, que o objeto possuía uma beleza que chamava a atenção, podendo se passar por um objeto recém-forjado, tamanha era a falta de marcas de uso ou defeitos nele:

E no meio das roupas mal dobradas e arrumadas havia um tecido sujo envolto no objeto que nos chamou a atenção, como se fosse a joia preciosa que nossa avó guardava com todo seu segredo. [...] Vi os olhos de Belonísia cintilarem com o brilho do que descobrimos como se fosse um presente novo, forjado de um metal recém tirado da terra. [...] Vi parte de meu rosto refletido como num espelho, assim como vi o rosto de minha irmã, mais distante. (Vieira Junior, 2019, p. 15).

O material que compõe a faca é revelado em outros momentos do texto. Após a morte de Donana, Bibiana relata:

Ninguém também falava na faca de cabo de marfim, nem sabíamos do seu paradeiro, nem o porquê de tanto mistério em volta da sua existência. Até a morte de Donana, não se sabia por que a lâmina estava enrolada naquele tecido com nódoas de sangue, nem por que um objeto tão bonito, com um cabo branco perolado, que meu pai, com a sabedoria de suas andanças, julgava ser marfim, não havia sido vendido diante da escassez em que vivíamos (Vieira Junior, 2019, p. 30).

A descrição da narradora introduz o primeiro elemento constituinte do objeto, o marfim. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2019), o marfim é uma matéria-prima que simboliza pureza, consequência de sua alvura, mas também simboliza poder, consequência de sua dureza. É decorrente desta interpretação que podemos atribuir a incorruptibilidade como característica simbólica do referido material, puro e inquebrável. Estas características recaem sobre a faca ao longo de *Torto Arado* à medida que se desenvolvem as tramas que cercam o objeto, sobretudo na relação intrínseca que se estabelece entre a faca e quem a maneja.

Em seguida, em “Torto arado”, descobrimos o material do fio de corte da faca, cujos relatos indicam ser rutilante e reluzir tal qual ou mais que um espelho

Deixei a pequena sacola cair no chão e Maria Cabocla se abaixou para juntar tudo de novo. Se deteve no *cabo de marfim da faca de prata* que passado tanto tempo, ainda era puro brilho, encantada com o objeto. Seu olhar parecia o olhar de Bibiana no dia em que a colocamos na boca. Passou de uma mão a outra antes de devolver a sacola e não ousou perguntar por que a estava levando comigo (Vieira Junior, 2019, p. 143, grifo nosso).

A prata é um metal valioso, simbólica e comercialmente, reconhecido também pela beleza. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2019), a prata possui uma carga simbólica de representatividade do feminino, diretamente oposta ao ouro. Assim, os autores ainda ponderam que “A própria palavra latina *argentum* deriva de um vocabulário sânscrito que significa branco e brilhante” (p. 739), isto é, a prata é um material que se relaciona com a ideia de nobreza ou realza. Em seguida, os teóricos desenvolvem uma definição do simbolismo da prata nas seguintes palavras:

Branca e luminosa, a prata é igualmente símbolo de pureza, de toda espécie de pureza. É a luz pura, tal como é recebida e restituída pela transparência do cristal, na limpidez da água, nos reflexos do espelho, no brilho do diamante: assemelha-se à limpidez de consciência, à pureza de intenção, à fraqueza, à retidão de atos; invoca a fidelidade que de tudo isso resulta (GEVH) (Chevalier; Gheerbrant, p. 739).

A partir dessa definição, podemos inferir que a faca de prata que reencontramos, já notadamente vista em dois acontecimentos importantes da narrativa, faz jus ao simbolismo empregado pelo seu material em duas instâncias. Primeiramente, porque é um objeto que está sempre sob a posse de uma mulher; por último, porque, sendo um símbolo de pureza, de limpidez de consciência e de retidão de atos, o objeto aparece sempre nas mãos de personagens que farão seu uso sem pretensões dúbias.

Tal situação é vista na interação entre a faca e as crianças no começo de “Fio de corte”, quando elas agiram por impulso, experimentando algo que pela sua aparência agradável não imaginaram poder lhe causar mal algum, o que representa a pureza de seu pensamento. Outrossim, é possível estabelecer um sentido mais amplo ao relacionarmos o marfim e a prata, matérias-primas da faca, ao sentido produzido por ela, atribuindo-lhe pureza, força, poder, incorruptibilidade e retidão como características dominantes nas ações que com ela se vinculam.

Mais uma vez, em “Torto arado”, a faca reaparece nas mãos de Belonísia quando ela se vê em uma situação de risco, decidindo então sair de casa com o objeto para que em alguma possa se defender, caso seja necessário. É possível perceber que neste segundo caso há um sentido de defesa, e não a existência de um uso premeditado, influenciado por qualquer sentimento negativo, reafirmando, portanto, a retidão de atos como característica imanente à faca.

Foi neste intercurso que Belonísia teve que realmente fazer uso da faca, em um momento em que Maria Cabocla e seus filhos estavam vulneráveis à violência de Aparecido, pai dos meninos. Belonísia empunhou a faca sob o pescoço do homem, o fazendo recuar de suas agressões e se ausentar de sua casa. A ação da personagem foi quase instintiva, buscando defender quem estava em um estado de vulnerabilidade e, mesmo tendo a oportunidade, Belonísia não se permitiu efetuar uma ação violenta contra Aparecido, lidando com a situação da maneira mais branda que pôde, evidenciando a sua pureza e limpidez de consciência como características.

Por fim, nossa interpretação se atém à busca do significado do objeto em sua totalidade. Encontrando respaldo em Chevalier e Gheerbrant (2019), a faca, substantivo feminino na língua portuguesa, possui um simbolismo fálico, herança de culturas que praticavam rituais de circuncisão, se sobressaindo à cultura judaica e africana. Partindo deste pensamento, não é incorreto inferir que recai sobre este objeto a simbologia do falo como agente promotor de um equilíbrio entre as energias cósmicas, se comparado a alguma noção primitiva de justiça. Irônico a esse fato, em toda a narrativa do livro *Torto Arado*, a faca sempre aparece pertencendo e/ou sendo empunhada por uma figura feminina, uma pequena transgressão que pode carregar consigo a significação de corroborar a noção de equilíbrio já dita.

Outrossim, um olhar possível para o objeto recai sobre seu uso. É inegável a real perspectiva de atribuir relações de violência ao uso da faca, mesmo quando o indivíduo que a empunha está em posição de defesa, visto que o objeto em questão não é referido como item doméstico. A faca, em algumas culturas, como a hindu, possui uma simbologia intrinsecamente relacionada à crueldade. Observando os

eventos narrados no texto, logo, conseguimos observar a manifestação da faca de alguma maneira relacionada com seu lado mais vil, de modo que se explicita uma relação de dubiedade quanto ao objeto. Ou seja, agindo para a defesa ou para o ataque, a construção do objeto é dada de tal forma que podemos reconhecer a existência de uma recorrência sombria, na qual o derramamento de sangue e a mutilação de pessoas, inocentes ou não, estão intimamente relacionados à ação do objeto.

Este novo olhar para a faca retira de si, então, o significado uno de uma representatividade transgressora que corrobora o fortalecimento do feminino na narrativa por meio de um objeto fálico representante da força como elemento equilibrante, mas adiciona a seu significado uma possível negatividade que age como uma força sob todos que se relacionam em um nível de posse e uso com o objeto.

O último uso relatado da faca, sendo o primeiro em ordem cronológica, foi quando Donana, recentemente tendo furtado a faca, fez um uso vingativo do objeto, ao tomar ciência da violência sexual infligida a sua filha pelo seu parceiro. A matriarca da família Chapéu Grande se utiliza da faca para assassinar brutalmente seu amante, fazendo com que a situação fugisse um pouco dos padrões encontrados nas aparições da faca na vida de Belonísia, que correspondem melhor à simbologia empregada pelos elementos individuais, comprometendo-se demasiado à dubiedade estabelecida pela simbologia do objeto.

Neste contexto, podemos atribuir à significação paradoxal deste objeto uma relação causa-efeito que se constitui em uma evidente correspondência entre o uso da faca e um efeito negativo, em um nível emocional ou espiritual, que recai, indubitavelmente, sobre o agente da ação. Esta relação pode acontecer em maior ou menor grau, vistas as representações em Donana e Belonísia, mas é inevitável como um destino implacável; e sua intensidade depende sobretudo do modo como o objeto se representa na narrativa.

Não obstante, é “Fio de Corte” a parte em que o texto se inicia a partir do que conhecemos como a primeira aparição da faca para as irmãs, mas também como um momento que podemos considerar como decisivo na vida das meninas. Em outras palavras, não apenas num plano físico, como também em uma outra dimensão, seja emocional ou espiritual, tal momento consolidou o destino de ambas, que foi alterado de modo definitivo.

Na construção textual que remete ao acidente de Belonísia, no começo do texto ou em referências ao longo da narrativa, é possível observarmos a recorrência da menção ao fio de corte da faca. Para além de representar o potencial de corte do objeto, é possível analisarmos que tal termo possui dentro de *Torto Arado* uma dupla significação que remete tanto ao lado mais afiado da faca quanto se relaciona em um nível cósmico com uma simbologia do “Fio”, ligada ao destino. Conforme Chevalier e Gheerbrant (2019), “O simbolismo do fio é essencialmente o do agente que liga todos os estados da existência entre si, e ao seu princípio (Guénon).” (p. 431). Ou seja, um fio carrega uma simbologia maior que sua própria existência geométrica, muitas vezes se entrelaçando com ideias relacionadas ao tempo ou ao destino, variando culturalmente.

Em contrapartida, um corte possui literal e metaforicamente a significação de ruptura. Fio de corte é como se chama o lado mais afiado da faca, mas em *Torto Arado* é também a representação da dualidade implícita inerente à representação da faca. Foi o corte que mudou para sempre o destino de Bibiana e Belonísia, alterando os seus futuros e agindo também como um lembrete infeliz do passado para Donana; portanto, a representação do destino se dá também por intermédio da faca.

Observamos, ainda, uma abordagem explícita do destino na narrativa em relação à (r)existência dos povos Quilombolas residentes em Água Negra, entretanto, pela ação da faca, encontramos uma sina hereditária que recai sobre quem a possui e que, de algum modo, está ligada a uma passagem familiar entre duas personagens femininas.

#### 4 METAFORIZAÇÃO DA FACA COMO ELEMENTO CENTRAL NO DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVA

Para compreender a construção metafórica que incide sobre os enunciados em que aparece a figura da faca, é necessário compreendermos o que se entende por metáfora. Na retórica clássica, “A metáfora era definida como o emprego de uma palavra concreta para exprimir uma noção abstrata, na ausência de qualquer elemento que introduz formalmente uma comparação” (Fiorin, 2021, p. 71). Entretanto, reduzir a metáfora à retórica é um processo que limita a amplitude do fenômeno e, sobre essa relação, Ricoeur (2015) discorre o seguinte:

A dualidade da retórica e da poética reflete uma dualidade no uso do discurso tanto quanto em situações do discurso. A retórica, já se disse, foi antes de tudo uma técnica da eloquência; seu alcance é o mesmo da eloquência, a saber, gerar a persuasão. Ora, esta função, por mais vasta que seja sua extensão, não cobre todos os usos do discurso. A poética, arte de compor poemas, trágicos principalmente, não depende, nem quanto à função nem quanto à situação do discurso, da retórica, arte da defesa, da deliberação, da repreensão, mas produz purificação das paixões do terror e da piedade. Poesia e eloquência desenham assim dois universos de discurso distintos. Ora, a metáfora tem um pé em cada domínio. Ela pode, quanto à estrutura, consistir apenas em uma única operação de transferência do sentido das palavras, mas, quanto à função, ela dá continuidade aos destinos distintos da eloquência e da tragédia; há, portanto, uma única *estrutura* da metáfora, mas duas *funções*: uma função retórica e uma poética (p. 23).

Partimos, então, de uma concepção de metáfora que transcende o nível da substituição de um lexema, mas que, ao se tratar de um discurso, possui um sentido completo, mais amplo que uma comparação e, por isso, literária em sua essência. Assim, conforme Monroe Beardsley, a metáfora pode ser entendida como um poema em miniatura. Ricoeur (2019) traduz essa concepção da seguinte forma:

Por isso, a relação entre o sentido literal e o sentido figurativo numa metáfora é como uma versão abreviada dentro de uma frase singular da complexa interação de significações, que caracterizam a obra literária como um todo. Aqui, por obra literária entendo uma obra de discurso distinta de qualquer outra obra de discurso, especialmente discurso científico, pelo facto de pôr em relação um sentido explícito e um sentido implícito (p. 68-69).

Assim, considerando que a literatura “É o uso positivo e produtivo da ambiguidade” (Ricoeur, 2019, p. 70), podemos visualizar um princípio do que Ricoeur (2015) defende como sendo uma metáfora viva, cujo princípio da existência reside na tensão entre dois termos. Para explicar essa relação, o autor se baseia em *The Burning Fountain* e em *Metaphor and Reality* e desenvolve do seguinte modo:

A metáfora, mais particularmente, recolhe esse caráter *tensivo* da linguagem, em contraste com a *epiphor*<sup>5</sup> e a *diaphor*<sup>6</sup>: a *epiphor* aproxima e funde os termos por assimilação imediata no nível da imagem, a *diaphor* procede mediatamente e por combinação de termos discretos. A metáfora é a tensão da *epiphor* e da *diaphor*. Essa tensão assegura a própria transferência do sentido e confere à linguagem poética seu caráter de “mais-valia”<sup>7</sup> semântica, seu poder de abertura para novos aspectos, novas dimensões, novos horizontes de significação (p. 381).

Após elaborarmos a conceituação da metáfora, é importante para essa pesquisa ressaltarmos a importância da identificação e interpretação dos símbolos para as interpretações metafóricas. Ricoeur (2019) assegura que “Com efeito, o símbolo só suscita pensamento se, primeiro, suscitar a fala. A metáfora é o reagente apropriado para trazer à luz o aspecto dos símbolos que têm uma afinidade com a linguagem” (p. 80). Outrossim, encontramos na literatura o lugar com maior potencial de desenvolvimento do fenômeno literário, considerando ser ela um espaço no qual os símbolos assumem a liberdade de se manifestarem nas mais distintas formas e nos enunciados mais diversos, o que culmina em uma metáfora de desenvolvimento profundo.

[...] a história das palavras e da cultura parece indicar que, se a linguagem nunca constitui o estrato mais superficial da nossa experiência simbólica, este estrato profundo apenas se torna acessível a nós na medida em que se forma e articula a um nível linguístico e literário, uma vez que as metáforas mais insistentes se pegam ao entrelaçamento da infra-estrutura simbólica e da superestrutura metafórica (Ricoeur, 2019, p. 94).

Assim, conseguimos inferir a existência de uma relação cíclica entre as significações simbólicas e metafóricas na construção de uma interpretação, pois, em um nível, nos relacionamos a uma ideia, construída psíquica e culturalmente; em outro, nos relacionamos à palavra e, por causa disso, efetuamos o processo discursivo.

Ao considerar a construção metafórica que emerge da presença da fala dentro do texto, buscamos nos abster de uma concepção restrita que considera apenas o nível lexical ou puramente semântico, mas adotamos aquela que considera o contexto textual em sua completude, a fim de que, a partir das tensões formadas pelas interpretações, se desenvolva uma metáfora. Sobre isso, Ricoeur (2019) afirma que, “Por conseguinte, a metáfora assemelha-se mais à resolução de um enigma do que a uma associação simples baseada na semelhança; é constituída pela resolução de uma dissonância semântica” (p. 76). Em seguida, o autor formula duas conclusões possíveis sobre a teoria da metáfora:

as metáforas genuínas não se podem traduzir. Só as metáforas de substituição são suscetíveis de uma tradução, que poderia restaurar o sentido literal. As metáforas de tensão não são traduzíveis, porque criam o seu sentido. [...] tem mais do que um valor emotivo, porque oferece uma nova informação. Em suma, uma metáfora diz-nos algo de novo acerca da realidade (Ricoeur, 2019, p. 76- 77).

<sup>5</sup> Epífora (trad. livre).

<sup>6</sup> Diáfora (trad. livre).

<sup>7</sup> “Mais-valia” é um conceito incorporado da teoria marxista ao qual se confere o significado de disparidade entre o salário de um trabalhador e o valor do que ele produz com seu trabalho. No contexto empregado por Ricoeur (2015), mais-valia representa a relação desigual que favorece a linguagem poética na produção de significados.

A partir destas considerações, conseguimos identificar em *Torto Arado* uma metáfora que incide sobre a faca e reside no conceito da perpetuação do objeto na Família de Donana, que se apresenta como uma sina hereditária, agindo como um castigo que atingiu àquela que a furtou e fez consigo um uso infortúnio. Por outro lado, o objeto faz continuar o legado de sua existência maldita, se apresentando às suas netas e recaindo sobremaneira na vida de Belonísia.

Dentro desse contexto, identificamos a presença de três implicações relevantes para a análise dessa construção metafórica. Primeiramente a faca, que, após ser subtraída por Donana, se torna um objeto do qual ela não pode mais se livrar, o que inicialmente parece um castigo pelo seu pecado e reflete um intenso contragosto, haja vista as intenções iniciais da personagem. Desse modo, a faca aparece ao longo da narrativa como um objeto cuja presença vai além do desejo dos personagens, humanos ou entidades, dentro da obra, considerando que ela aparece ou reaparece para determinadas personagens de modo recorrente sem que tal encontro seja consciente ou premeditado. Dessa implicação, analisamos a existência de uma hereditariedade inconsciente.

Posteriormente, conseguimos perceber que, ao longo da narrativa, a faca apenas aparece nas mãos de personagens femininas da família Chapéu Grande, seja Donana, seja Bibiana ou Belonísia. Nesse cenário, levando em consideração a já referenciada hereditariedade, encontramos uma oposição à simbologia fálica que institui a representação de tal objeto. Portanto, conseguimos identificar uma íntima relação da faca com o feminino, o que inicialmente pode se apresentar como um movimento antagônico dentro do texto, mas que, respeitando a totalidade da narrativa, exprime significados que foram constituídos a partir da representação fálica do patriarcado como força, poder e resistência.

Por último, ao analisarmos e interpretarmos a complexa ideia de hereditariedade feminina, percebemos que ela se relaciona intimamente a uma noção de destino, desenvolvida implícita e explicitamente no texto. Assim, encontramos a figura da faca envolta por meio de uma misticidade, o que é perceptível quando visualizamos suas aparições na narrativa. Ao observarmos, então, a motricidade produzida pelo objeto, nos deparamos com uma inconsciente independência que faz com que ele possua, mesmo na posição de objeto inanimado, uma representação autônoma, que age na obra, interferindo no destino dos personagens, no momento e posterior ao uso, e indo no sentido contrário ao esperado por um objeto que deveria estar sob total controle de quem tem a posse.

Logo, evidenciamos esta implicação, por exemplo, na perspectiva da relação causa-efeito que recai sobre os donos e usuários do objeto. Tal relação se manifesta quando o uso da faca, sob qualquer pretexto, causa consequências em um nível físico, emocional ou espiritual, sobre o usuário, como uma sina negativa, característica de uma maldição, em decorrência da ação inicial de Donana. Portanto, essa interpretação só é possível após conferirmos os efeitos simbólico-metafóricos que são suscitados, ao abrangerem o objeto e sua dubiedade.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a referenciada análise e interpretação, demonstramos que cada parte do texto é intitulada de acordo com o enredo representado, possuindo maior ou menor grau de afinidade com o narrador-personagem. Em “Fio de corte”, encontramos a justificativa do nome na cena principal, na qual as meninas se acidentam com a faca,

cujo fio de corte era atraente e muito afiado, de modo que se trata de um objeto que potencialmente causará algum trauma, servindo a sua função. “Torto arado” é o título que mais possui proximidade com seu narrador, pois é uma metáfora revelada pela própria Belonísia, que se enxerga tal como um arado torto que não consegue desempenhar a função à qual foi destinada.

Por último, “Rio de sangue” assume um sentido literal e literário na narrativa, pois é uma referência aos sonhos de Belonísia, em que muito sangue emanava do chão; além de evocar a cena relatada da morte de Severo, que produziu um rio de sangue e lágrimas; é também um reflexo do tema central desta parte, mostrando a intrínseca relação que se mantinha entre a sobrevivência e a violência e aquele povo.

Diante disso, as conotações que se relacionam com a violência em *Torto Arado* são muitas e é possível afirmarmos que este tema é o motor da narrativa, além das relações familiares. Desse modo, percebemos também que, no centro dos acontecimentos narrados, encontra-se a figura da faca, a mesma faca de prata e cabo de martim, cuja aparição se dá nos mais diversos cenários, sempre empunhada pela mão de uma mulher da mesma família, representando poder e resistência.

Ademais, essas mulheres atuam para desferir ataques que podem representar uma defesa imediata ou premeditada, mas que sempre resultam em uma consequência para quem faz tal uso. Nesse contexto, é viável considerarmos que a dubiedade deste objeto, que possui ambíguas representações, desemboca em um processo metafórico simbolizado pelas suas aparições e na relação de causalidade que acarreta. Logo, a faca contrapõe a ideia de um simples objeto e assume um caráter místico que a torna uma espécie de personagem inanimado não personificado, mas dotado de valor poético.

## REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean-Claude; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos:** mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 33. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia.** 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido:** estudos discursivos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

RICOEUR, Paul. **A metáfora Viva.** 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação:** O discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2019.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura.** Coimbra: Almeida, 2007.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado.** São Paulo: Todavia, 2019.